



Tornar-se negro para quem? Um diálogo entre Brasil, África do Sul e a memória ancestral africana¹

Douglas Vitto²
Juliana Maria da Silva Xavier³

RESUMO

Desde a colonização do Brasil, a população negra foi tida pela branquitude como indesejada e confinada espacialmente. Esse racismo imposto pelos colonizadores sobre as pessoas escravizadas tem uma dimensão espacial e existencial influenciada pela raça, que continua ecoando na colonialidade. Essa dimensão do racismo também permeou as pessoas não-brancas na África do Sul por meio da institucionalização do apartheid (1948-1994), que racializou os sul-africanos em *White*, *Coloured*, *Indian/Asian* e *Black*, os segregou, e continua afetando as dinâmicas cotidianas. Desse modo, por meio de uma perspectiva experiencial centrada no contexto brasileiro e em diálogo com a África do Sul, guardadas as especificidades de cada país, discutimos como o marcador racial dita a construção do racismo anti-negro entrelaçada aos espaços, lugares e territórios, que nos constituem e que constituímos. Nesse entrelace, lançamos mão da escrevivência e da discussão do conceito de raça. Essas escolhas nos possibilitam tensionar como as pessoas negras tornam-se racializadas diante das pessoas brancas, ao mesmo tempo em que esse tornar-se pode ser entendido como uma manifestação existencial-política de enfrentamento à branquitude. Dialogando com Neusa Santos Sousa, Robert Bernasconi, Linda Alcoff, Sara Ahmed, Franz Fanon, e os autores sul africanos Saul Dubow, Pearl Subban e Jeremy Seekings

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Geografia, UEL.

³ Mestre em Gestão Integrada do Território, UNIVALE



propomos pensar a relação implicada entre raça e espacialidade em nosso existir desde nossos ancestrais. Tornar-se negro nos propicia dialogar com a memória ancestral africana como possibilidade de reconhecimento, reafirmação e reconexão de nossa identidade e existência.

Palavras-chave: Experiência; colonialidade; raça; branquitude; outremização.

Introdução

A colonização brasileira exercida por homens brancos e europeus esteve assentada na racialização e escravização dos povos indígenas e da população negra, tidos como inferiores, feios, menos humanos, não civilizados, bárbaros, e que deveriam estar confinados. Nesse contexto, os povos indígenas e a população negra foram e são tidos como indesejáveis, visto que divergiam e divergem da branquitude que orienta a identidade nacional. No mesmo sentido, ao pensarmos o cenário sul africano, a socióloga Whitney N. Laster Pietle⁴ afirma que essa supremacia branca permeou a África do Sul desde a colonização holandesa no século XVII, violentando e escravizando os povos indígenas Khoi e San, e os povos desterrados de outros lugares do continente africano, da Índia, da Indonésia e da Malásia⁵, tidos como inferiores.

A psicóloga Cida Bento⁶ escreve que existe um pacto da branquitude pautado na autopreservação narcísica, de modo tácito e silencioso, permeia as gerações e promove o deslocamento da memória diante das violências exercidas pela escravização. Desse modo, a população negra constitui o que a filósofa Sueli Carneiro⁷ entende como Zona do Não Ser, em oposição à Zona do Ser, constituída pela população branca. Essas preferências pelas pessoas brancas em detrimento das

⁴ PIRTLE, Whitney N. Laster. "White people still come out on top": the Persistence of white Supremacy in shaping Coloured south africans': perceptions of racial hierarchy and experiences of racism in post-apartheid South Africa. Social Sciences MDPI, Basel-Switzerland, v. 11, n. 70, p. 1-14, 2022.

⁵ CROMBIE, Sedick. My apartheid diary. Stellenbosch: University of Stellenbosch, 2020.

⁶ BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

⁷ CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.



peças negras é entendida pela psiquiatra Neusa Santos Souza⁸ como um ideal de ego branco que torna as peças negras preteridas no campo dos afetos.

A escala desvalorativa imposta pela população branca sobre a população negra está interligada à concepção de África, pois de acordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr.⁹, sob o crivo da Europa e dos EUA, o referido continente, habitado principalmente por peças negras, é entendido como estrangeiro ao próprio planeta Terra e à humanidade.

Na África do Sul, o racismo chegou ao extremo por meio do apartheid (1948-1994), implantado pelo Partido Nacional, controlado pela população branca, que legalizou e impôs a racialização sobre os sul-africanos, classificando-os em *White*, *Coloured*¹⁰, *Indian/Asian* e *Black*.

Essa racialização foi embasada nos fatores de aparência, descendência, idioma e/ou cultura¹¹, orientados por uma interpretação racial exercida pelos recenseadores não especializados para esse ofício, refletindo preconceitos enraizados na população branca. Esses grupos foram segregados territorialmente, sendo impossibilitados de estarem nas mesmas escolas, praias, universidades, restaurantes, morarem no mesmo bairro, e de se casarem com peças de um grupo racial diferente. À população branca, ficaram reservadas às melhores infraestruturas urbanas, empregos, escolas e universidades¹².

Os lugares com expressiva quantidade de peças negras são tidos como inferiores, como determinadas ruas, bairros, regiões, países e continentes. Alguns desses exemplos no Brasil são os bairros periféricos pobres e a região Nordeste. Há também a inferiorização do Haiti, de Cuba e dos países do continente africano. Ivan

⁸ SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Zahar, Rio de Janeiro, 2021.

⁹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

¹⁰ Os *Coloured* foram classificados como aqueles que descendiam das relações entre *White* e *Black*, dos escravizados sequestrados do Sudeste Asiático, e dos povos indígenas Khoi e San.

¹¹ SEEKINGS, Jeremy. Race, discrimination and diversity in South Africa. University of Cape Town, South Africa, may. 2007. Disponível em: https://humanities.uct.ac.za/sites/default/files/content_migration/humanities_uct_ac_za/1380/files/WP194.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

¹² PIRTLE, Whitney N. Laster. "White people still come out on top": the Persistence of white Supremacy in shaping *Coloured* south africans': perceptions of racial hierarchy and experiences of racism in post-apartheid South Africa. Social Sciences MDPI, Basel-Switzerland, v. 11, n. 70, p. 1-14, 2022.



Turok, Justin Visagie e Andreas Scheba¹³ argumentam que na sociedade sul-africana a população branca determinou o lugar de morada de cada grupo racializado. As áreas periféricas e intermediárias, impostas respectivamente para os *Black*, *Coloured* e *Indian/Asian*, foram tidas como inferiores e perigosas, diferente das áreas centrais com os melhores equipamentos urbanos, sistemas de segurança e reservadas para a população branca. A presença da população não-branca¹⁴ afeta a constituição do lugar tido sob o crivo da branquitude como inferior, indesejado e que deve ser evitado.

A população negra, ao ser tida pela branquitude como menos humana, sente a aversão sobre o seu corpo, tido como estranho, diferente e exótico, pois não apresenta o “[...] mesmo traço físico e marcas culturais[...] ” devido a cor de sua pele, à sua estatura e aos seus traços¹⁵. Essas características, ao divergirem dos corpos brancos que habitam determinados lugares, são associadas à inferioridade, à maldade, à privação da condição humana e aos animais. Amalgama à dimensão corporal, Albuquerque Jr. argumenta que há o modo ser, que envolve os comportamentos, os ornamentos, as roupas, a língua, os modos de se expressar, os costumes, as ideias e as crenças.

Na colonialidade, via branquitude, as sementes da colonização continuam germinando toda vez que a população negra é tida como estranha e inferior devido à sua corporalidade e ao seu modo de ser. No Brasil, a branquitude associa a população negra ao continente africano, de modo pejorativo, entendendo-a como incompatível para constituir a nação. Na sociedade sul-africana o sistema do apartheid reforçou o ideal de beleza centrado na pele branca e/ou clara, cabelos loiros e olhos brancos e/ou verdes, afetando a percepção de beleza de daqueles que foram classificados como *Coloured*, *Black* e *Indian/Asian*¹⁶. Esse estranhamento e medo continua tensionando as

¹³ TUROK, Ivan; VISAGIE Justin; SCHEBA, Andreas. Social Inequality and spatial segregation in Cape Town. In: Ham, Maarten van., Tammaru, Tiit., Ubarevičienė, Rūta., Janssen, Heleen. (Eds). Urban socio-economic segregation and income inequality: a global perspective. The urban book series. Cham: Springer, 2021. p. 71-90.

¹⁴ Optamos pelo uso do termo não-branco para nomear os negros no Brasil, e os *Coloured*, *Indian/Asian* e *Black* na África do Sul.

¹⁵ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

¹⁶ CROMBIE, Sedick. My apartheid diary. Stellenbosch: University of Stellenbosch, 2020.



fronteiras entre aqueles que são considerados de dentro, a população branca, e aqueles que são considerados de fora, a população negra.

O referido tensionamento nos possibilita dialogar com a escritora Toni Morrison¹⁷ ao escrever que a outremização pautada na transformação da pessoa negra em estrangeira está assentada na diferenciação, na valorização e no controle, por meio de descrições dissimuladas, nuançadas e pseudocientíficas. Quem exerce a outremização com base na diferença racial necessita transformar a si mesma como normal. Ao tensionar essa outremização, Morrison problematiza como uma pessoa se torna racista.

Assim, diante dessa outremização e hierarquização, lançamos mão da perspectiva experiencial, via escrevivência, para discutirmos como a raça afeta a identidade, o espaço, os lugares e os territórios, visando problematizar o tornar-se negro imposto pelas pessoas brancas, e como manifestação existencial-política de enfrentamento à branquitude.

A escrevivência, pensada pela escritora Conceição Evaristo¹⁸, pode ser entendida como uma escrita a partir das experiências vivenciadas pelas pessoas negras, não de modo egóico e narcísico, mas que se entrelaça às experiências de outras pessoas negras que historicamente foram condicionadas à servilidade e à interdição. Em um primeiro momento, a escrevivência concebida pela autora esteve centrada nas experiências das mulheres negras, mas posteriormente, de acordo com a entrevista concedida pela referida escritora à Revista Galápagos, passou a considerar outros grupos sociais “Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência”.¹⁹

¹⁷ MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

¹⁸ EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexão sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-46.

¹⁹ LIMA DUARTE, Constância. ENTREVISTA COM A ESCRITORA CONCEIÇÃO EVARISTO: Uma obra comprometida com a negritude. *Revista Cronos*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 74-81, 2023. DOI: 10.21680/1982-5560.2022v23n1ID34438. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/34438>. Acesso em: 13 jan. 2026.



Desse modo, tomamos como ponto de partida duas escrevivências²⁰, cada uma experienciada por um dos autores, para problematizar o sentido de tornar-se negro como reprodução das interpretações racistas, dialogar com a dinâmica de racialização na sociedade sul-africana, e como possibilidade de enfrentamento ao racismo por meio do diálogo com a memória ancestral africana para reconhecimento e reafirmação de nossa identidade e existência.

Para isso, dialogamos com a orientação dos espaços de acordo com a branquitude, problematizada por Sarah Ahmed²¹; a experiência vivida do negro, escrita por Frantz Fanon²²; o racismo sentido e sistêmico, pensado por Robert Bernasconi²³; o sentido de tornar-se negro, esmiuçado por Neusa Santos Souza²⁴; as práticas perspectivas racistas, analisadas por Linda Martín Alcoff²⁵; a raça e a racialização na África do Sul investigadas por Jeremy Seekings²⁶; a ideias eugênicas que influenciaram o apartheid discutido por Saul Dubow²⁷; e como o racismo na era do apartheid afetou a percepção dos grupos racializados tidos como inferiores, problematizado Pearl Subban²⁸. Os referidos escritos propiciam entendermos os extremos do racismo anti-negro²⁹, no Brasil e na África do Sul.

²⁰ A primeira escrevivência foi vivida em Cape Town, África do Sul, e a segunda escrevivência aconteceu em Governador Valadares-MG, Brasil.

²¹ AHMED, Sara. *A phenomenology of whiteness*. SAGE Publications: London, v. 8, n. 2, p. 149-168, 2007.

²² FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora, São Paulo, 2020.

²³ BERNASCONI, Robert. *Critical philosophy of race: essays*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

²⁴ SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Zahar, Rio de Janeiro, 2021.

²⁵ ALCOFF, Linda Martín. *Towards a phenomenology of racial embodiment*. *Radical Philosophy* 95, v., n., p. 15-26, 1999.

²⁶ SEEKINGS, Jeremy. *Race, discrimination and diversity in South Africa*. University of Cape Town, South Africa, may. 2007. Disponível em: https://humanities.uct.ac.za/sites/default/files/content_migration/humanities_uct_ac_za/1380/files/WP194.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

²⁷ DUBOW, Saul. *Racial irredentism, ethnogenesis, and white supremacy in high-apartheid South Africa*. *Kronos, Cape Town-South Africa*, v. 41, n. 1, p. 236-264, 2015.

²⁸ SUBBAN, Pearl. "We were taught how to think about ourselves as less than – and we accepted it": reflections on racial injustice in South Africa. *Race Ethnicity and Education*, London-United Kingdom, v. 29, n. 1, p. 1-16, 2025.

²⁹ Escrevemos o termo "anti-negro" em consonância com Malcom Ferdinand (2022, p. 81) ao defender que "a palavra 'Negro' não designa mais uma cor de pele, um fenótipo, tampouco uma origem étnica ou uma geografia particular. Ela designa todos aqueles que estiveram e estão no porão do mundo moderno: os fora-do-mundo. Aqueles cujas sobrevivências sociais são atingidas por uma exclusão do mundo e que se veem reduzidos a seu 'valor' energético. O Negro é Branco, o Negro é Vermelho, o Negro é Amarelo, o Negro é Marrom, o Negro é Preto. O Negro é jovem, o Negro é velho, o Negro é mulher, o Negro é homem. O Negro é pobre, o Negro é trabalhador, o Negro é prisioneiro. O Negro é marrom-floresta, o Negro é verde-planta, o Negro é azul-oceano, o Negro é vermelho-terra, o Negro é cinza-baleia, o Negro



Escrevivências: enovelamentos nos/dos espaço-raciais

As duas escrevivências que apresentaremos aqui se referem às nossas experiências. A primeira corresponde à experiência do primeiro autor, e a segunda se refere à experiência da segunda autora.

Primeira escrevivência³⁰: Cape Town, África do Sul, 6 de setembro de 2025. Sábado à noite. Eu estava curioso para saber como eram as baladas LGBT+ de Cape Town. Pesquisei no Google uma que fosse próximo de casa e fui na primeira opção que apareceu. Ao chegar nesse lugar percebi que, exceto os seguranças da porta de entrada do estabelecimento, que eram todos homens *Black*, os demais funcionários da recepção, da limpeza e da segurança interna, eram mulheres *Black*. Quando cheguei na pista de dança, percebi que todos os *bartenders* eram homens *White*. A maioria das pessoas que estavam na pista de dança e no camarote eram homens brancos, alguns poucos eram *Coloured*, e a minoria era *Black*. Especificamente na pista de dança, havia eu, um brasileiro gay que no Brasil é considerado negro e na África do Sul é identificado como *Coloured*³¹, e mais quatro homens *Black*, todos ocupando os limites periféricos da pista de dança. Nós parecíamos estar recuados naquele lugar e comecei a me sentir desconfortável ao perceber os lugares que as pessoas de diferentes raças estavam ocupando, seja se divertindo ou trabalhando. No centro da pista predominavam os homens brancos, todos bebendo, rindo e dançando. Esses homens ocupavam o centro de modo tão confortável, mas em meu corpo parecia haver uma tensão que me inibia de ir ao centro, uma timidez que tomou conta de mim. Em determinados momentos, esses homens dançavam com as funcionárias da limpeza que passavam dentre eles para limpar com um esfregão as gotas de bebidas que caíram de seus copos. Essas mulheres pareciam estar se divertindo enquanto trabalhavam, pois dançavam, riam e limpavam. Foi a balada mais cheirosa que já estive,

é preto-fóssil. Os Negros são os muitos fora-do-mundo (humanos e não humanos) cuja energia vital é dedicada, por meio da força, aos modos de vida e às maneiras de habitar a Terra de uma minoria [...]"

³⁰ Experiência do primeiro autor.

³¹ Essa diferença de classificação racial entre Brasil e África do Sul expressa como a ideia de raça e as dinâmicas de racialização são construídas socialmente de modo situado.



pois o seu cheiro era muito agradável, não se assemelhava ao suor ou a cerveja derrubada no chão. Nessa balada, a estética neon rosa e cheiro agradável remetem à um intuito de manter o ambiente constantemente higienizado. Passado algum tempo, após algumas pessoas terem deixado a balada e a pista ter ficado menos cheia, duas funcionárias estavam dançando e rindo, mas, de repente um homem branco que aparentava ter 50 anos, poderia ser o gerente ou o proprietário, gritou com elas para que pegassem o esfregão e voltassem a limpando o chão. Imediatamente, essas duas mulheres foram buscar os esfregões que estavam guardados na dispensa.

Segunda escrevivência³²: Estar presente em lojas e shoppings sempre me incomodou. Os olhares de diferença marcaram (e demarcaram) minha experiência corporal e racial. Em 2023, depois de morar no interior do Maranhão por cinco anos, volto para minha cidade natal, Governador Valadares, interior de Minas Gerais. Certo dia, decidimos (eu e minha irmã) passar no shopping após o trabalho. Entramos, minha irmã de uniforme, com a bolsa do trabalho, eu de bermuda jeans, regata preta, cabelo preso em um coque baixo e uma rasteirinha. Começamos a andar e sinto que tem alguém atrás de mim. Olho para trás e vejo um segurança, pardo, me seguindo. Penso ser algo da minha cabeça, caminho mais um pouco, a mesma sensação. Paro em frente uma vitrine, olho para trás e o segurança também para. Prossigo. Ele também prossegue. Minha irmã me diz que vai ao banheiro, me entrega sua bolsa do trabalho. Caminhamos mais um pouco, ele caminha também, digo em voz alta para minha irmã que iria esperar na livraria em frente ao banheiro, sigo em direção ao lugar, entro na loja, converso com as atendentes. O segurança para na porta, fica me olhando dentro do estabelecimento e depois de alguns segundos vai embora. Minha irmã volta e sigo como se nada tivesse acontecido, até porque não conseguia mensurar que um ato tão explícito para mim não foi percebido pelos outros ao meu redor.

Porque a maioria das vagas de emprego para limpeza são ocupadas pelas mulheres *Black*? Por que uma mulher negra ao entrar em uma loja ou caminhar pelo shopping é vista como uma ameaça e não como alguém que está apenas desfrutando de um momento de lazer?". O grito do gerente/proprietário da balada e a perseguição

³² Experiência da segunda autora.



exercida pelo segurança no shopping expressam o racismo por meio da outremização via associação das pessoas negras aos lugares e vice-versa, de modo hierárquico e pejorativo. Essa outremização que acontece enovelada aos espaços-raciais, se manifesta por meio das experiências corpóreas e torna/entende determinadas pessoas como negras.

A geógrafa Fernanda Cristina de Paula³³, ao escrever em relação à geograficidade de corpos negros, destaca que em todas as experiências de pessoas negras, por mais que sejam diversas, há um elemento em comum: a experiência do racismo. Nessa senda, o filósofo Robert Bernasconi³⁴ defende que não existe apenas um modo de racismo, mas existem racismos, visto que acontecem de modo situado. Desse modo, as escrevivências em foco, que aconteceram de modo situado, expressam um elemento em comum, o racismo como outremização por meio da interpretação ocularcêntrica da branquitude embasada no fenótipo que condiciona pessoas negras ao papel do Outro.

Esse racismo também se manifesta de modo situado na África do Sul, por via da política racista do apartheid (1948-1994), que impôs esse condicionamento às pessoas não-brancas, obrigando-as a exercerem os serviços braçais e menos remunerados, e a participarem do ensino de baixa qualidade. A classificação racial imposta pelo apartheid, que classificou os sul-africanos em *White*, *Coloured*, *Indian/Asian* e *Black*³⁵, foi registrada “em documentação oficial de identidade”³⁶ a fim de impedir e controlar o fluxo dos *coloured*, *indians* e *black* para as áreas brancas, exceto para prestar serviços.

Essa outremização racista nos faz lembrar de Fanon³⁷, ao argumentar que, diante das pessoas brancas, as pessoas negras se tornam objetos de medo, e delas se espera uma conduta de confinamento e encolhimento. O antropólogo Kabengele

³³ DE PAULA, F. C. Ser corpo-negro: con-vívio, dis-córdia e presença nos 33 lugares e territórios. In: Figuras da carne: diálogos com Merleau-Ponty. São Carlos: Pedro & João Editores e São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2024, p.119-154.

³⁴ BERNASCONI, Robert. Critical philosophy of race: essays. Oxford: Oxford University Press, 2022.

³⁵ PIRTLE, Whitney N. Laster. “White people still come out on top”: the Persistence of white Supremacy in shaping Coloured south africans’: perceptions of racial hierarchy and experiences of racism in post-apartheid South Africa. Social Sciences MDPI, Basel-Switzerland, v. 11, n. 70, p. 1-14, 2022.

³⁶ Tradução livre de Douglas Vitto e Juliana Maria de Souza Xavier “in official identity documentation”.

³⁷ FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Ubu Editora, São Paulo, 2020.



Munanga ³⁸ aponta que a classificação de uma pessoa como negra começou por meio de uma nomeação imposta pelo mundo ocidental branco.

As referidas escrevivências amalgamadas aos argumentos de Fanon e de Munanga sulcam a possibilidade de problematizarmos o sentido ambíguo de tornar-se negro. Primeiro, discutimos o problema de tornar-se negro como reprodução das interpretações racistas impostas pela branquitude, não apartada da dimensão espacial, e que distorce e encobre o que é ser negro.

Para Renato Emerson dos Santos³⁹ a raça é um princípio regulador de comportamento, tratamento e relações. Embasado no texto de Sansone⁴⁰ Santos expõe que existem hierarquias da colonialidade que estruturam as experiências de exploração e dominação dos grupos que não são dominantes. O padrão das relações raciais no Brasil coloca o negro em um lugar de classificação das interações sociais: horizontalidade e verticalidade.

[...] por horizontalidade, integração e igualdade entre brancos e negros e, ao mesmo tempo, outros momentos onde há verticalidades, hierarquias e diferenças que são transformadas em desvantagens, ou vantagens desiguais entre estes grupos. Essa mistura entre momentos de horizontalidade e momentos de verticalidade é que vai permitir que, a um só tempo, convivam em nossa sociedade (i) uma representação de si própria como denso <democracia racial. E, (ii) a reprodução e consolidação de desigualdades sociais baseadas em raça, o que deveria ser extirpado caso horizontalidade, integração e igualdade fossem princípios ordenadores das relações raciais vigorando e, todos os momentos da construção do tecido social.⁴¹

Quando falamos de raça e lugar, as relações sempre acontecem em horizontalidades e verticalidades. Existem espaços/lugares nos quais ser negro é aceitável e que nossa presença não é tida como desvalorizada. O que existe em relação a classificação da cor é o entendimento das pessoas negras sobre o lugar e o momento

³⁸ MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

³⁹ SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. O Movimento Negro Brasileiro e sua Luta Anti-Racismo: por uma Perspectiva Descolonial. Yuyaykusun, v. 6, p. 15-30, 2013.

⁴⁰ SANSONE, Livio. Nem sempre preto ou negro. O sistema de classificação da cor no Brasil que muda. Afro-Asia (UFBA), Salvador- Bahia, n.18, p. 165-188, 1997.

⁴¹ SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. O Movimento Negro Brasileiro e sua Luta Anti-Racismo: por uma Perspectiva Descolonial. Yuyaykusun, v. 6, p. 15-30, 2013.



em que pode ser negra/o, qual a posição de onde se fala, e acima de tudo, saber o lugar que se pode existir. A raça é, nesse contexto, uma variável para se pensar a presença.⁴²

Essa horizontalidade e verticalidade permeiam a sociedade sul-africana, visto que de acordo com sociólogo Jeremy Seekings⁴³ e Pirtle⁴⁴ a população branca continua privilegiada após o apartheid, diferente dos demais grupos não-brancos em desvantagem. Em entrevista com 50 pessoas na Cidade do Cabo entre 2015 e 2018, homens e mulheres, de 18 a 82 anos, no intuito de compreender as suas percepções sobre hierarquia racial, o seu lugar nela, as relações com os outros grupos, e as experiências de racismo, Pirtle⁴⁵ constatou que a segregação racial continua, mesmo não permitida em lei; e que determinados grupos não-brancos não tratam as pessoas brancas de forma negativa, mas preferem não integrar com elas quando não é necessário.

As escrevivências em foco nos propiciam dialogar com Nascimento⁴⁶ ao argumentar que “O negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como ‘igual’”. A situação experienciada na primeira escrevivência, ao expressar o racismo via servilidade, nos possibilita lembrar do historiador Patric Tariq Mellet⁴⁷ ao escrever que os escravizados no Cabo da Boa Esperança, África do Sul, foram submetidos compulsoriamente ao trabalho doméstico, agrícola, artesanal e construção de infraestruturas. As mulheres negras foram objetos de prazer dos colonizadores.

⁴² SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. O Movimento Negro Brasileiro e sua Luta Anti-Racismo: por uma Perspectiva Descolonial. Yuyaykusun, v. 6, p. 15-30, 2013. SANSONE, Livio. Nem sempre preto ou negro. O sistema de classificação da cor no Brasil que muda. Afro-Asia (UFBA), Salvador- Bahia, n.18, p. 165-188, 1997.

⁴³ SEEKINGS, Jeremy. Race, discrimination and diversity in South Africa. University of Cape Town, South Africa, may. 2007. Disponível em: https://humanities.uct.ac.za/sites/default/files/content_migration/humanities_uct_ac_za/1380/files/WP194.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

⁴⁴ PIRTLE, Whitney N. Laster. “White people still come out on top”: the Persistence of white Supremacy in shaping Coloured south africans’: perceptions of racial hierarchy and experiences of racism in post-apartheid South Africa. Social Sciences MDPI, Basel-Switzerland, v. 11, n. 70, p. 1-14, 2022.

⁴⁵ PIRTLE, Whitney N. Laster. “White people still come out on top”: the Persistence of white Supremacy in shaping Coloured south africans’: perceptions of racial hierarchy and experiences of racism in post-apartheid South Africa. Social Sciences MDPI, Basel-Switzerland, v. 11, n. 70, p. 1-14, 2022.

⁴⁶ NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

⁴⁷ MELLET, Patric Tariq. The truth about Cape Slavery: the foundations of colonial South Africa. Cape Town: Tafelberg, 2024.



Não apartada da servilidade, a segunda escrevivência, ao expressar o racismo via interdição espacial, nos lembra de Ferdinand⁴⁸ ao apontar como a população negra desterrada da África para as Américas era confinada nos porões dos navios negreiros, e ao chegar em terra firme, esteve presa nas senzalas. A arquiteta Joice Berth⁴⁹ escreve que após a abolição da escravização no Brasil essas pessoas foram deslocadas para às periferia geográficas desprovidas de equipamentos de mobilidade urbana de qualidade. O planejamento urbano sul-africano corroborou para consolidar a segregação racial e territorial, expulsando os *Coloured*, *Indian/Asian* e *Black* para as Cape Flats, localizadas longe da área central branca.⁵⁰

Desse modo, nas escrevivências, as experiência de racismo via condicionamento à servilidade e interdição nos possibilita dialogar com a escritora e psicóloga Grada Kilomba⁵¹ ao afirmar que há uma membrana entre as pessoas brancas, que são tidas como superiores, limpas, boas e constituem o nós, e as pessoas negras, que são tidas como inferiores, sujas, más e constituem o outro.

Ser negro ou *Black* e estar em um shopping ou em uma balada, sem estar trabalhando, tensiona essa membrana, constituída de expectativas sociais, geográficas e raciais em relação às pessoas negras. Membranas densas e sensíveis que tremem quando determinadas pessoas tidas como de fora tentam cruzar os seus limites impostos desde a colonização. Consideramos que essas membranas confluem com o que a educadora sul-africana radicada na Austrália, Pearl Subban⁵², chama de trauma racializado oriundo de feridas intergeracionais, que são pessoais, estruturais,

⁴⁸ FERDINAND, Malcom. A tempestade moderna: violências ambientais e rupturas coloniais. In: FERDINAND, Malcom (org.). Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu, 2022. p. 47-95.

⁴⁹ BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2023.

⁵⁰ TUROK, Ivan; VISAGIE Justin; SCHEBA, Andreas. Social Inequality and spatial segregation in Cape Town. In: Ham, Maarten van., Tammaru, Tiit., Ubarevičienė, Rūta., Janssen, Heleen. (Eds). Urban socio-economic segregation and income inequality: a global perspective. The urban book series. Cham: Springer, 2021. p. 71-90.

⁵¹ KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

⁵² SUBBAN, Pearl. "We were taught how to think about ourselves as less than – and we accepted it": reflections on racial injustice in South Africa. Race Ethnicity and Education, London-United Kingdom, v. 29, n. 1, p. 1-16, 2025.



persistem no corpo, e moldam o modo como somos, estamos, nos vemos e nos relacionamos com o mundo.

Munanga⁵³ aponta que o racismo contra as pessoas negras, primeiro, acontece por meio da inferiorização de seus corpos, que são a sede da identificação de suas identidades, e depois, atinge as suas mentes, os seus espíritos, as suas histórias e as suas culturas. Nas duas escrevivências, os dois corpos negros sentem a densidade e a sensibilidade da membrana que delimita os lugares orientadas em torno da branquitude.

Acreditamos que o peso dessa membrana sobre os nossos corpos acontece por meio do que a filósofa Linda Martín Alcoff⁵⁴ interpreta como prática perceptiva, exercida via olhares, gestos, expressões faciais, posturas, falas e tom de voz. As práticas perceptivas são conhecimentos tácitos que permeiam o cotidiano e racializam determinadas pessoas.

A palavra racializado implicada em ação, pois no seu sentido etimológico, o sufixo nominado “ado” significa subordinar algo, prover ou encher algo de⁵⁵. Desse modo, a prática perceptiva, de modo relacional e embasada em uma interpretação fenotípica, racializa aqueles que são tidos como negros. Alcoff⁵⁶ e Bernasconi⁵⁷ afirmam que o racismo é exercido cotidianamente por meio de práticas perceptivas racistas, não apartadas do racismo institucional e do racismo estrutural.

Os argumentos da filósofa Sara Ahmed⁵⁸ de como os espaços são orientados em torno da branquitude nos propicia pensar porque as pessoas negras, ao estarem nesses espaços, despertam práticas perceptivas racistas no outro e as racializam. Ahmed escreve que nesses espaços, o desconforto racial não é sentido pelas pessoas

⁵³ MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁵⁴ ALCOFF, Linda Martín. *Towards a phenomenology of racial embodiment*. *Radical Philosophy* 95, v., n., p. 15-26, 1999.

⁵⁵ ADO. In: CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: revista pela nova ortografia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. p. 13.

⁵⁶ ALCOFF, Linda Martín. *Towards a phenomenology of racial embodiment*. *Radical Philosophy* 95, v., n., p. 15-26, 1999.

⁵⁷ BERNASCONI, Robert. *Critical philosophy of race: essays*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

⁵⁸ AHMED, Sara. *A phenomenology of whiteness*. SAGE Publications: London, v. 8, n. 2, p. 149-168, 2007.



brancas, mas pelas pessoas negras, visto que a sua presença perturba a ordem racial estabelecida.

Para além do fenótipo: diálogos com a memória ancestral africana

Primeiro, a branquitude identifica as pessoas negras por meio do fenótipo, depois, as interdita existencialmente e geograficamente. De acordo com Carneiro⁵⁹ “[...] a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras”. Albuquerque Jr.⁶⁰ considera que muito do modo como pensamos, agimos e sentimos nos chega por meio das gerações anteriores. Há a colonização de mentes, vistos que muitas pessoas oprimidas, como aconteceu no apartheid, passam a acreditar que o racismo experienciado e a sua inferioridade em relação às pessoas brancas são naturais.⁶¹

Nas escrituras aqui discutidas, as experiências de racismo que nos outremizaram as mulheres negras, construídas socialmente desde a colonização e transmitida entre as diferentes gerações, expressam uma interpretação sobre os nossos fenótipos, que nos generalizam e nos classificam como de fora daqueles lugares, da balada e do shopping/loja.

A persistência temporal da centralidade do fenótipo é desdobramento das ideias eugênicas do inglês Francis Galton (1822-1911), que permearam a sociedade brasileira e sul-africana no século XX, apresentando confluências e divergências nestes dois contextos. No Brasil, o médico e eugenista, Renato Ferraz Kehl (1889-1974), foi um grande admirador de Galton e o principal representante da eugenia neste país entre 1910 e 1940.⁶²

⁵⁹ CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

⁶⁰ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

⁶¹ SUBBAN, Pearl. “We were taught how to think about ourselves as less than – and we accepted it”: reflections on racial injustice in South Africa. *Race Ethnicity and Education*, London-United Kingdom, v. 29, n. 1, p. 1-16, 2025.

⁶² SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Renato Kehl e o radicalismo eugênico no Brasil dos anos 1930: uma análise a partir da obra *Sexo e civilização: aparas eugênicas* (1933). *Revista de História Regional*, v. 29, n. e2423710, p. 1-29, 2024.



A etimologia da palavra eugenia se refere à ciência que visa melhorar a raça humana e as condições de reprodução⁶³, sustentada no racismo científico. No contexto brasileiro, esse melhoramento se referia aos povos indígenas e à população negra, tidas pela ciência como inferiores. A moral, o intelecto e a capacidade física de uma pessoa eram determinados a partir de características morfológicas do corpo.

O discurso eugênico de Renato Kehl foi disseminado por meio da publicação de livros, artigos, e da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918, do Boletim de Eugenia em 1929 e da Comissão Central Brasileira de Eugenia em 1931.⁶⁴ A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro⁶⁵ argumenta que as ideias de Kehl estiveram articuladas ao governo Vargues para elaborar um pré-projeto de veto a entrada de imigrantes judeus, ciganos, negros japoneses.

O historiador Saul Dubow⁶⁶ aponta que na África do Sul o racismo científico ressurgiu na década de 1960 e início de 1970 em círculos intelectuais que tinham conexões com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Na época em que o apartheid foi formulado em 1940, muitos nacionalistas afrikaners estavam em interação com o facismo e os estereótipos raciais. Entretanto, Dubow argumenta que ao saberem dos problemas desencadeados na Europa oriundos do facismo e da nazismo, em 1948 buscaram se afastar da ideologia de raça superior pautada no viés biológico para tornar as suas propostas mais aceitáveis e legitimadas.

Desse modo, as explicações do apartheid tornaram-se fundamentadas na cultura e na etnia afrikaner, chamada de volkekunde⁶⁷, para explicar a diferença entre os diferentes povos, se afastando do argumento de inferioridade e superioridade racial, e ganhando espaço na Stellenbosch University, na University of Pretoria, na

⁶³ EUGENIA. In: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa: revista pela nova ortografia. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. p. 13.

⁶⁴ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Renato Kehl e o radicalismo eugênico no Brasil dos anos 1930: uma análise a partir da obra Sexo e civilização: aparas eugênicas (1933). Revista de História Regional, v. 29, n. e2423710, p. 1-29, 2024.

⁶⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imigrantes indesejáveis: a ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. Revista USP, São Paulo, v., n. 119, p. 115-130, 2018.

⁶⁶ DUBOW, Saul. Racial irredentism, ethnogenesis, and white supremacy in high-apartheid South Africa. Kronos, Cape Town-South Africa, v. 41, n. 1, p. 236-264, 2015.

⁶⁷ Grupo étnico branco África do Sul de descendentes dos colonos europeus que defendem a separação dos diferentes grupos culturais para garantir o seu desenvolvimento, pois acreditavam que a miscigenação poderia levar a desintegração da identidade.



Portchefstroom University e na University of the Free State. Em decorrência disso, muitos políticos e intelectuais, como Werner Willi Max Eiselen (1899–1977) e Hendrik Frensch Verwoerd (1901–1966), principais responsáveis por arquitetar e institucionalizar o apartheid, defendiam esse regime mais como “preservação das diferenças culturais e étnicas do que com hierarquias raciais”⁶⁸, justificando a criação dos Bantustões⁶⁹.

Contudo, Dubow afirma que há divergências em relação ao argumento que o apartheid buscou apenas promover a diversidade multicultural e se afastou dos fundamentos biológicos da superioridade racial, como aponta a pesquisa de Andrew Bank, que investiga como a formação de Werner Willi Max Eiselen em Hamburgo e a criação do volkekunde em Stellenbosch entre 1926 e 1929, estiveram envolvidas com o racismo científico e a eugenia. Dubow também comenta que a pesquisa de Christoph Marx corrobora para esse argumento ao analisar como Hendrik Frensch Verwoerd foi influenciado pela psicologia do desenvolvimento e pela etnopsicologia, que viam os povos do continente africano como culturalmente atrasados em relação aos europeus.

Diferente do Brasil, onde o racismo científico se desdobrou em uma eugênia explícita, na África do Sul os políticos e intelectuais formuladores do apartheid camuflaram o viés biológico e recorreram ao viés cultural, negando a hierarquia racial na teoria, mas a endossando na prática. Contudo, em ambos os países, o racismo científico e a eugenia ganharam propagações a partir e por meio da articulação intensa entre os intelectuais e as instituições políticas.

Em relação às nuances atribuídas ao entendimento da raça enviesado pelo aspecto biológico, como no contexto brasileiro e sul-africano, ambos expressaram o peso da hierarquização racial fundamentada na visibilidade dos fenótipos. Desse

⁶⁸ Tradução livre de Douglas Vitto e Juliana Maria de Souza Xavier “preservation of cultural and ethnic differences than racial hierarchies”.

⁶⁹ Os bantustões foram oriundos da segregação territorial e étnica imposta sobre o povo Bantu na África do Sul por meio da Lei das Autoridades Bantu de 1951 embasada no argumento de que na África do Sul havia diferentes nações devido a diversidade cultural (Twala, Ndlovu, 2025) e que as diferentes raças teriam o direito de tomar e expandir determinados territórios. Como consequência, os Bantu foram divididos em 10 grupos étnicos vivendo em territórios conhecidos como Bantustões, estados soberanos que careciam de legitimidade e reforçaram o isolamento das pessoas não-brancas na África do Sul (Twala, Ndlovu, 2025).



modo, consideramos pertinente a crítica de Abdias do Nascimento⁷⁰, de Kabengele Munanga⁷¹ e de Robert Bernasconi⁷² ao confrontarem essas interpretações que continuam polarizadas na biologia para racializar e subjugar as pessoas tidas como não-brancas.

O escritor e ativista Abdias do Nascimento destaca que os aspectos fenotípicos não estão apartados dos aspectos étnicos e/ou raciais, pois os brasileiros designados como:

preto, negro, moreno, mulato, crioulo, pardo, mestiço, cabra - ou qualquer outro eufemismo; e o que todo mundo compreende imediatamente, sem possibilidade de dúvidas, é que se trata de um homem-de-cor, isto é, aquele assim chamado descendente de escravos africanos⁷³.

Munanga⁷⁴ entende que o ser negro está para além da cor da pele e das características morfológicas do corpo, pois envolve as circunstâncias históricas, linguísticas, culturais, sociais e políticas daqueles que foram tidos como diferentes e tiveram as suas existências negadas por meio das tentativas violentas desumanização e destruição.

No contexto sul-africano, as diferenças raciais percebidas desde a colonização, em termos de aparência e aceitação geral, foram oficializadas no regime do apartheid, criando quatro grupos racializados: *White*, *Coloured*, *Indian/Asian* e *Black*. O censo nacional de população feito em 1951 realizou uma classificação racial em massa determinada pelos recenseadores sem qualificação específica e que expressaram os preconceitos predominantes entre a população branca.⁷⁵ Amalgamada à visibilidade do fenótipo, existem os atravessamentos linguísticos e religiosos que se manifestam de modo diferente em cada grupo.

⁷⁰ NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

⁷¹ MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁷² BERNASCONI, Robert. Critical philosophy of race: essays. Oxford: Oxford University Press, 2022.

⁷³ NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

⁷⁴ MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁷⁵ SEEKINGS, Jeremy. Race, discrimination and diversity in South Africa. University of Cape Town, South Africa, may. 2007. Disponível em: https://humanities.uct.ac.za/sites/default/files/content_migration/humanities_uct_ac_za/1380/files/WP194.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.



A resistência de Nascimento⁷⁶ e de Munanga⁷⁷ em entenderem a negritude como dicotomizada entre biologia e cultura pode confluir com o posicionamento de Bernasconi⁷⁸ ao entender a raça por meio da experiência como alternativa à polarização da discussão racial apenas na natureza ou na cultura.

Em meio às experiências cotidianas de racismo que estão entrelaçadas, de modo situado e movente, ao racismo estrutural e ao racismo institucional, consideramos pertinente o argumento de Fanon⁷⁹ de que, se o outro evita nos reconhecer, a solução é fazer-nos reconhecer. Esse reconhecimento implica em considerar a nossa negritude não apenas centrada nos aspectos biológicos, mas também embebida de historicidade e de linguagem.

Desse modo, nesse momento discutimos como a memória ancestral africana é potente para ressignificar o sentido de tornar-se negro, isto é, de pensá-lo a partir de matrizes e matizes afroreferenciadas. Um tornar-se negro para nós, que dialoga com a memória ancestral africana e se afasta das interpretações racializadoras e racistas impostas desde a colonização.

Tornar-se negro para nós

Nas escrevivências descritas no início deste texto vemos como as experiências raciais são vividas em diferentes espaços. Isso demonstra um sentimento, de perceber que quando uma pessoa negra se racializa, em qualquer espaço, lugar ou território que estiver, a cor/raça fala mais alto na leitura espacial e nos faz pensar em como as pessoas negras são vistas pelos ideais do outro (branco). Somos postos como diferentes e essas diferenças se enraízam nas relações afetando também os lugares que passamos. É sempre o eu *versus* o outro, como sou para o outro, como me

⁷⁶ NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

⁷⁷ MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁷⁸ BERNASCONI, Robert. Critical philosophy of race: essays. Oxford: Oxford University Press, 2022.

⁷⁹ FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Ubu Editora, São Paulo, 2020.





relaciono com o outro, como o outro me caracteriza⁸⁰. Tal percepção é dolorida de se realizar, pois toca em lugares e emoções que muitas vezes nem sabemos que existiam.

Subban, ao analisar o racismo aprofundado pelo apartheid, defende a pertinência de desfazer as gerações de condicionamentos de nossas mentes, identidades e narrativas, que influenciam negativamente a percepção de nós, dos outros, e da identidade coletiva. O racismo é violento por si só, e suas características (discriminação e preconceito) são marcadas pelas relações de poder. É sempre superior/inferior, referência/referenciado. Muitas vezes o próprio negro não consegue distinguir ou nomear se passou ou não por algum ato racista. Sabemos nomear o desconforto, o constrangimento, a dor, mas não dizer, pelo menos no momento, que sofremos um ataque racista⁸¹.

bell hooks, no primeiro capítulo de sua obra “Escrever além da raça”, nos fala que precisamos nomear a dor que milhares de pessoas negras passam diariamente ao sofrerem preconceito e discriminação baseados na cor de suas peles. É preciso nomear o fenômeno do racismo para compreender as ramificações da existência do privilégio que uma superioridade racial revela no cotidiano de pessoas de cor⁸².

Para que possamos nomear algo, precisamos antes reconhecer os processos que nos caracterizam. No que tange o assunto deste artigo, percebemos que a desigualdade racial coloca em pauta a outremização de pessoas negras, é nessa perspectiva que trazemos o processo de tornar-se negro. Compreendemos que o processo de tornar-se está associado à forma como o outro nos veem⁸³.

O que reverbera nas escrevivências é resultado da cultura brasileira e sul-africana quando se fala em raça, desse pensamento estereotipado que acerca a população não branca e institui/demarca ainda mais nossa identidade “marginal” na

⁸⁰ KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019; FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Ubu Editora, São Paulo, 2020; SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Zahar, Rio de Janeiro, 2021 e CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

⁸¹ SUBBAN, Pearl. “We were taught how to think about ourselves as less than – and we accepted it”: reflections on racial injustice in South Africa. Race Ethnicity and Education, London-United Kingdom, v. 29, n. 1, p. 1-16, 2025.

⁸² hooks, bell. Escrever além da raça: teoria e prática. Editora Elefante, São Paulo, 2022.

⁸³ FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Ubu Editora, São Paulo, 2020 e SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Zahar, Rio de Janeiro, 2021.



sociedade. Os lugares que pessoas negras são colocadas pela sociedade nos fazem agir de forma conformadora. Nossos corpos são condicionados pelas experiências que temos e essas experiências refletem na maneira como vivemos nos territórios e lugares que passamos a ocupar. O racismo é violento e sentido diariamente por pessoas negras. Ocorre uma internalização do ideal branco, com isso a inferiorização, na consciência de qual é o lugar esperado de nós, o desgosto pela cor da pele, mesmo que seja para passar despercebido e não sofrer atos racistas ⁸⁴.

Mas para tornar-se é preciso reconhecer que nem toda pessoa nasce negra. Todas/os que nascem pretas/os e pardas/os têm em seu cotidiano experiências que os diferem da população com a tonalidade de pele mais clara, sejam elas espaciais ou sociais. Quando uma pessoa negra toma consciência de sua cor ela passa por um processo de reconhecimento de todas suas experiências vividas anteriormente quando a raça não era o foco de sua observação. Esse é o movimento do tornar-se, algo catalisador nas experiências de pessoas negras que implica na consciência de sua raça.

Neusa Santos Souza, em seu livro “Tornar-se negro” discute que ser negro no Brasil tem sentido inferior e nisso vive-se em uma sociedade que historicamente ensinou a pessoas negras a viver sobre e para o Outro⁸⁵. Já Grada Kilomba entende o tornar-se, a partir de hooks, como um fazer-se de novo, assim, na experiência de se reconhecer ou se entender enquanto pessoas negras, nos tornamos algo que já éramos, mas agora com o entendimento do racial para explicar os motivos que sentimos o que sentimos⁸⁶.

É a partir desse entendimento racial, nos tornando algo que já éramos, que concebemos a ideia de ressignificar o tornar-se pela ligação com a memória africana como uma estratégia de enfrentamento ao racismo. Por mais dolorido que seja revisitar as experiências racistas que passamos, poder olhar para a ancestralidade

⁸⁴ SANTIAGO, Glaucia Helena de Paula; GAUDENZI, Paula. “Falar de mulher preta, isso me atravessa”: observações a partir de vídeos on-line sobre racismo e sofrimento psíquico. *PHYSIS. REVISTA DE SAÚDE COLETIVA (ONLINE)*, v. 34, p. 1-17, 2024.

⁸⁵ SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Zahar, Rio de Janeiro, 2021.

⁸⁶ KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.





africana enquanto memória nos possibilita conhecer as potencialidades da nossa cultura, que não nos foram ensinadas.

Adichie ao nos alertar sobre o perigo da história única faz com que pensemos de qual lugar estamos partindo na busca em compreender o mundo à nossa volta, de que posição estamos observando as relações. Rememorar as vivências e experiências de nossos antepassados, na cotidianidade dos lugares e territórios, é reconhecer a multiplicidade das histórias⁸⁷.

Para quem está nesse movimento de tornar-se negro, quando se encontra com o racismo existe apenas uma alternativa, a do enfrentamento. O racismo faz com que tenhamos estratégias para viver, para se sentir seguro, seja a roupa, o cabelo, ao como ou o que falar, como ou o que vestir, em qual lugar não vamos dezoar. Essa chave do tornar-se negro para nós é mais que uma obtenção de consciência racial, é uma estratégia para viver. São estratégias que adquirimos para enfrentar o racismo e ainda sim garantir a continuidade da existência.

Considerações finais

Propomos neste texto partir de nossas escrevivências para tensionar a relação entre a raça e os lugares, espaços e territórios. Concebemos a escrevivência como reveladora das realidades que marcam e demarcam nossas relações. O diálogo com o contexto sul-africano na era do apartheid demonstra os extremos do racismo anti-negro no mundo, que inferioriza as pessoas tidas como não-brancas, afeta as suas percepções, e constituem a colonialidade.

A vivência de pessoas negras é marcada pela outremização. Quem nos caracteriza, quem demarca o espaço e quem indica a forma como nos vemos, é o outro (branco). É nessa perspectiva que inferimos a ambiguidade do tornar-se negro, pois há a invisibilidade do racismo que é enovelada nos espaços e moldam a maneira como compreendemos nossa existência. Essa ambiguidade é pautada na outremização. Nos tornamos primeiro para o branco e depois para nós.

⁸⁷ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.



O tornar-se para nós, portanto, está na ressignificação de como nos vemos, é fazer como a representação do sankofa, que olha para o passado para ressignificar o presente e pensar o futuro. É pensar por nós, a partir de nós, potencializando o nós. É estar em diálogo com a ancestralidade e tensionar as narrativas hegemônicas. Desse modo, esse ressignificar confronta a concepção pejorativa de ser negro semeada desde a colonização e que persiste na colonialidade.



Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- ADO. In: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa: revista pela nova ortografia. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. p. 13.
- AHMED, Sara. A phenomenology of whiteness. SAGE Publications: London, v. 8, n. 2, p. 149-168, 2007.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.
- ALCOFF, Linda Martín. Towards a phenomenology of racial embodiment. *Radical Philosophy* 95, v., n., p. 15-26, 1999.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.
- BERNASCONI, Robert. Critical philosophy of race: essays. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2023.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imigrantes indesejáveis: a ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. *Revista USP*, São Paulo, v., n. 119, p. 115-130, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.
- CROMBIE, Sedick. My apartheid diary. Stellenbosch: University of Stellenbosch, 2020.
- DE PAULA, F. C. Ser corpo-negro: con-vívio, dis-córdia e presença nos 33 lugares e territórios. In: Figuras da carne: diálogos com Merleau-Ponty. São Carlos: Pedro & João Editores e São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2024, p.119-154.
- DUBOW, Saul. Racial irredentism, ethnogenesis, and white supremacy in high-apartheid South Africa. *Kronos*, Cape Town-South Africa, v. 41, n. 1, p. 236-264, 2015.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexão sobre a obra de* Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-46.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu Editora, São Paulo, 2020.
- FERDINAND, Malcom. A tempestade moderna: violências ambientais e rupturas coloniais. In: FERDINAND, Malcom (org.). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu, 2022. p. 47-95.
- hooks, bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. Editora Elefante, São Paulo, 2022.
- HEFLINGER JR., José Eduardo. *Um pouco da história de Limeira*. Limeira: Unigráfica, 2016.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MELLET, Patric Tariq. *The truth about Cape Slavery: the foundations of colonial South Africa*. Cape Town: Tafelberg, 2024.
- MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.
- PIRTLE, Whitney N. Laster. "White people still come out on top": the Persistence of white Supremacy in shaping Coloured south africans': perceptions of racial hierarchy and experiences of racism in post-apartheid South Africa. *Social Sciences MDPI*, Basel-Switzerland, v. 11, n. 70, p. 1-14, 2022.
- SANTIAGO, Glaucia Helena de Paula; GAUDENZI, Paula. "Falar de mulher preta, isso me atravessa": observações a partir de vídeos on-line sobre racismo e sofrimento psíquico. *PHYSIS. REVISTA DE SAÚDE COLETIVA (ONLINE)*, v. 34, p. 1-17, 2024.
- SANSONE, Livio. Nem sempre preto ou negro. O sistema de classificação da cor no Brasil que muda. *Afro-Asia (UFBA)*, Salvador- Bahia, n.18, p. 165-188, 1997.
- SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos. O Movimento Negro Brasileiro e sua Luta Anti-Racismo: por uma Perspectiva Descolonial. *Yuyaykusun*, v. 6, p. 15-30, 2013.
- SEEKINGS, Jeremy. *Race, discrimination and diversity in South Africa*. University of Cape Town, South Africa, may. 2007. Disponível em: <https://humanities.uct.ac.za/sites/default/files/co>



ntent_migration/humanities_uct_ac_za/1380/files/WP194.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Zahar, Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Renato Kehl e o radicalismo eugênico no Brasil dos anos 1930: uma análise a partir da obra Sexo e civilização: aparas eugênicas (1933). Revista de História Regional, v. 29, n. e2423710, p. 1-29, 2024.

SUBBAN, Pearl. "We were taught how to think about ourselves as less than – and we accepted it": reflections on racial injustice in South Africa. Race Ethnicity and Education, London-United Kingdom, v. 29, n. 1, p. 1-16, 2025.

TUROK, Ivan; VISAGIE Justin; SCHEBA, Andreas. Social Inequality and spatial segregation in Cape Town. In: Ham, Maarten van., Tammaru, Tiit., Ubarevičienė, Rūta., Janssen, Heleen. (Eds). Urban socio-economic segregation and income inequality: a global perspective. The urban book series. Cham: Springer, 2021. p. 71-90.

TWALA, Chitja; NDLOVU, Ayanda Sphelele. "Dangling the dand as a carrot": the bantustans and the territorial extension under the apartheid regime in South Africa. Histories, Basel-Switzerland, v. 5, n. 1, p. 1-25, 2025.



Becoming black for whom? A dialogue between Brazil, South Africa and the African ancestral memory

ABSTRACT: Since the colonisation of Brazil, the black population has been considered undesirable by white people and confined to certain areas. This racism imposed by the colonisers on enslaved people has a spatial and existential dimension influenced by race, which continues to echo in coloniality. This dimension of racism also permeated non-white people in South Africa through the institutionalisation of apartheid (1948-1994), which racialised South Africans into White, Coloured, Indian/Asian and Black, segregated them, and continues to affect everyday dynamics. Thus, through an experiential perspective centred on the Brazilian context and in dialogue with South Africa, taking into account the specificities of each country, we discuss how the racial marker dictates the formative dynamics of identity, intertwined with the spaces, places, and territories that constitute us and that we constitute. In this intertwining, we draw on writing and discussion of the concept of race. These choices enable us to highlight how black people become racialised in relation to white people, while at the same time this becoming can be understood as an existential-political manifestation of confronting whiteness. In dialogue with Neusa Santos Sousa, Robert Bernasconi, Linda Alcoff, Sara Ahmed, Franz Fanon, and South African authors Saul Dubow, Pearl Subban, and Jeremy Seekings, we propose to think about the relationship between race and spatiality in our existence since our ancestors.

Keywords: Experience; coloniality; race; whiteness; othering.

¿Devenir negro para quién? Un diálogo entre Brasil, Sudáfrica y la memoria ancestral africana

RESUMEN: Desde la colonización de Brasil, la población negra fue considerada indeseable por los blancos y confinada espacialmente. Este racismo impuesto por los colonizadores sobre las personas esclavizadas tiene una dimensión espacial y existencial influenciada por la raza, que sigue resonando en la colonialidad. Esta dimensión del racismo también ha afectado a las personas no blancas en Sudáfrica a través de la institucionalización del apartheid (1948-1994), que racializó a la población sudafricana en White, Coloured, Indian/Asian y Black, la segregó y continúa afectando las dinámicas cotidianas. De este modo, a partir de una perspectiva experiencial centrada en el contexto brasileño y en diálogo con Sudáfrica, respetando las especificidades de cada país, discutimos cómo el marcador racial dicta la construcción del racismo antinegro, íntimamente entrelazada con los espacios, los lugares y los territorios que nos constituyen y que constituimos. En este enfoque imbricado, recurrimos a la escrivencia y a la discusión del concepto de raza. Estas elecciones nos permiten problematizar cómo las personas negras se vuelven racializadas frente a las personas blancas, al mismo tiempo que este devenir puede ser entendido como una manifestación existencial y política de confrontación con la blanquitud. En diálogo con Neusa Santos Sousa, Robert Bernasconi, Linda Alcoff, Sara Ahmed, Franz Fanon y los autores sudafricanos Saul Dubow, Pearl Subban y Jeremy Seekings, proponemos reflexionar sobre la relación implícita entre raza y espacialidad en nuestra existencia desde nuestros antepasados. Volverse negro nos posibilita dialogar con la memoria ancestral africana como una vía de reconocimiento, reafirmación y reconexión de nuestra identidad y existencia.

Palabras clave: Experiencia; colonialidad; raza; blanquitud; alterización.



Devenir noir pour qui? Devenir noir pour qui ? Un dialogue entre le Brésil, l'Afrique du Sud et la mémoire ancestrale africaine

RÉSUMÉ: Depuis la colonisation du Brésil, la population noire a été considérée par les Blancs comme indésirable et confinée dans certains espaces. Ce racisme imposé par les colonisateurs aux personnes asservies a une dimension spatiale et existentielle influencée par la race, qui continue de résonner dans la colonialité. Cette dimension du racisme a également touché les personnes non blanches en Afrique du Sud à travers l'institutionnalisation de l'apartheid (1948–1994), qui a racialisé la population sud-africaine en White, Coloured, Indian/Asian et Black, l'a ségrégée et continue d'affecter les dynamiques quotidiennes. Ainsi, à partir d'une perspective expérientielle centrée sur le contexte brésilien et en dialogue avec l'Afrique du Sud, tout en respectant les spécificités de chaque pays, nous discutons de la manière dont le marqueur racial dicte la construction du racisme anti-noir, intimement liée aux espaces, aux lieux et aux territoires qui nous constituent et que nous constituons. Dans cette approche imbriquée, nous mobilisons « l'escrevivência » ainsi que la discussion du concept de race. Ces choix nous permettent d'analyser comment les personnes noires deviennent racialisées face aux personnes blanches, tout en montrant que ce « devenir » peut également être compris comme une manifestation existentielle et politique de confrontation à la blanchité. En dialogue avec Neusa Santos Sousa, Robert Bernasconi, Linda Alcoff, Sara Ahmed, Franz Fanon et les auteurs sud-africains Saul Dubow, Pearl Subban et Jeremy Seekings, nous proposons de réfléchir à la relation implicite entre race et spatialité dans notre existence depuis nos ancêtres. Devenir noir nous permet de dialoguer avec la mémoire ancestrale africaine comme possibilité de reconnaissance, de réaffirmation et de reconnexion de notre identité et de notre existence.

Mots clés: Expérience ; colonialité ; race ; blanchité ; altérisation.